

**De quanto sofrimento precisa o ser humano para compreender que o que se tem é tudo?
Investigação filosófico-hermenêutica sobre o valor do simples**

**How much suffering does a human being need to understand that what one has is everything?
A philosophical-hermeneutical investigation into the value of simplicity**

**¿Cuánto sufrimiento necesita un ser humano para comprender que lo que tiene lo es todo?
Una investigación filosófico-hermenéutica sobre el valor de la simplicidad**

DOI: 10.5281/zenodo.18107903

Recebido: 29 dez 2025

Aprovado: 30 dez 2025

Gabriel Alexandre Franco de Oliveira

Faculdade de Medicina - Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH)

Belo Horizonte, MG, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0350-9692>

E-mail: gabrielalexandrefranco@gmail.com

RESUMO

Este estudo examina, sob uma perspectiva hermenêutica e fenomenológica, o modo como experiências de ruptura — especialmente o sofrimento extremo — alteram a percepção humana sobre o valor do cotidiano. A partir de testemunhos como o de Andor Stern, o único sobrevivente brasileiro de Auschwitz, conforme entrevista concedida à BBC News Brasil (STERN, 2020), e da reflexão filosófica de autores como Viktor Frankl, Gabriel Marcel, Romano Guardini, Edith Stein e Josef Pieper, argumenta-se que o sofrimento não introduz valor nas coisas simples, mas remove distrações que impediam sua correta compreensão. O simples não se engrandece após a dor; revela-se. A tese aqui defendida sustenta que somente quando os referenciais ordinários de estabilidade são suspensos é que o sujeito se torna capaz de perceber que a sustentação da existência se encontra, não no extraordinário, mas na tessitura delicada das pequenas permanências.

Palavras-chave: Sofrimento. Investigação filosófico-hermenêutica. Valor do simples.

ABSTRACT

This study examines, from a hermeneutic and phenomenological perspective, how experiences of rupture—especially extreme suffering—alter human perception of the value of the everyday. Based on testimonies such as that of Andor Stern, the only Brazilian survivor of Auschwitz, as seen in an interview with BBC News Brazil (STERN, 2020), and the philosophical reflections of authors such as Viktor Frankl, Gabriel Marcel, Romano Guardini, Edith Stein, and Josef Pieper, it argues that suffering does not introduce value into simple things, but rather removes distractions that prevented their correct understanding. The simple does not become greater after pain; it reveals itself. The thesis defended here maintains that only when ordinary benchmarks of stability are suspended does the subject become capable of perceiving that the sustenance of existence is found not in the extraordinary, but in the delicate fabric of small permanences.

Keywords: Suffering. Philosophical-hermeneutical investigation. The value of simplicity.

RESUMEN

Este estudio examina, desde una perspectiva hermenéutica y fenomenológica, cómo las experiencias de ruptura, especialmente el sufrimiento extremo, alteran la percepción humana del valor de lo cotidiano. Basándose en testimonios como el de Andor Stern, el único sobreviviente brasileño de Auschwitz, como se vio en una entrevista con BBC News Brasil (STERN, 2020), y las reflexiones filosóficas de autores como Viktor Frankl, Gabriel Marcel, Romano Guardini, Edith Stein y Josef Pieper, argumenta que el sufrimiento no introduce valor en las cosas simples, sino que elimina las distracciones que impidieron su correcta comprensión. Lo simple no se vuelve más grande después del dolor; se revela a sí mismo. La tesis defendida aquí sostiene que solo cuando se suspenden los puntos de referencia ordinarios de estabilidad, el sujeto se vuelve capaz de percibir que el sustento de la existencia no se encuentra en lo extraordinario, sino en el delicado tejido de las pequeñas permanencias.

Palabras clave: Sufrimiento. Investigación filosófica-hermenéutica. El valor de la simplicidad.

1. INTRODUÇÃO: PERCEPÇÃO REORDENADA PELO IMPACTO

Entre os diversos testemunhos deixados por sobreviventes de experiências-limite, observa-se um padrão que não se deixa reduzir a explicações psicológicas superficiais. O que se evidencia é uma transformação profunda no modo como o sujeito percebe, seleciona e atribui sentido ao mundo: uma modificação da disposição perceptiva fundamental suficientemente intensa para, uma vez instaurada, reordenar de forma duradoura a hierarquia interna de valores. O relato de Andor Stern, único sobrevivente brasileiro de Auschwitz, é exemplar nesse sentido. Quando descreve, em entrevista concedida à BBC News Brasil (STERN, 2020), a gratificação intensa de sentir o cheiro do próprio lençol ou de caminhar até uma padaria e adquirir um pão, suas palavras não expressam nostalgia nem inclinação ao sentimentalismo. Elas dão testemunho de uma alteração na própria estrutura de mundo do sujeito — alteração que só se torna inteligível quando se reconhece que a experiência humana não é estática, mas atravessada por processos contínuos de reorganização do sentido.

Essa reorganização parece emergir quando a trama da vida é fraturada a ponto de os marcos interpretativos prévios perderem sua eficácia. É precisamente esse fenômeno que concentra a atenção de pensadores como Viktor Frankl, Gabriel Marcel e Romano Guardini. O limite desloca a disposição interna do olhar. Frankl, ao observar a vida nos campos de concentração, descreveu que situações de sofrimento extremo promovem uma contração do horizonte existencial, na qual a existência se recolhe à sua textura essencial (FRANKL, 1959). Quando a totalidade ordinária se suspende, aquilo que sustentava silenciosamente a vida torna-se evidente, enquanto o que antes ocupava o centro perde sua primazia.

Essa contração do horizonte confere-lhe precisão. Trata-se de um recolhimento hermenêutico — um retorno ao que sempre sustentou a vida, mas não se deixava ver enquanto as estruturas do cotidiano operavam de modo automático. A percepção torna-se mais fiel. Para quem atravessou o colapso do mundo, os elementos mínimos da realidade deixam de ocupar posições periféricas e passam a funcionar como

pontos de ancoragem. O cheiro de um lençol ou o acesso ao pão matinal tornam-se sinais de que o mundo recuperou densidade e continuidade por meio do simples.

O simples sempre esteve carregado de sentido e sempre sustentou silenciosamente a experiência humana. O que se altera é a relação do sujeito com esse fundamento, frequentemente encoberto pela abundância, pela pressa e pela estabilidade excessiva do cotidiano. Aqueles que atravessam o sofrimento passam a viver segundo o simples porque a anestesia perceptiva que os afastava dele é desfeita. O sujeito acaba se tornando novamente fiel ao valor que o simples sempre possuiu.

Esta investigação parte do pressuposto de que a consciência humana tende a afastar-se do essencial quando excessivamente protegida. Trata-se de uma condição estrutural da experiência: a estabilidade contínua do cotidiano torna opaco aquilo que o sustenta. O fundamental não desaparece; permanece operante, ainda que silencioso.

A questão que orienta este estudo — por que o limite frequentemente antecede a evidência do essencial? — exige, portanto, uma abordagem centrada no modo como o sentido se deixa ver. Os testemunhos analisados descrevem a restituição do mundo em sua configuração elementar. O que neles se manifesta é a retomada de uma fidelidade esquecida ao ordinário. A investigação hermenêutica que se segue procura explicitar esse deslocamento: como a consciência transita de um regime de latência para um regime de evidência e porque, nesse movimento, se torna claro que aquilo tomado por mínimo constituía, desde sempre, a estrutura portante da existência.

2. A CEGUEIRA EXISTENCIAL: O DESVANECIMENTO DO ESSENCIAL NA TRAMA DA NORMALIDADE

A vida cotidiana apresenta um paradoxo silencioso. Os elementos que sustentam o próprio existir — aquilo que garante a continuidade da experiência — figuram, com frequência, entre os mais invisíveis à consciência do indivíduo. Esse apagamento do essencial caracteriza grande parte da relação contemporânea com o mundo. Em sua análise da modernidade, Romano Guardini descreve a vida moderna como atravessada por uma pressão constante de abundância, uma sobrecarga que contribui para a rarefação da percepção do real (GUARDINI, 1956). A multiplicação de recursos disponíveis tende a atenuar a capacidade de discernir o que efetivamente sustenta a existência.

Essa forma de anestesia existencial se inscreve como consequência do próprio desenvolvimento histórico da civilização moderna. Josef Pieper mostra como a centralidade da produtividade contínua esvaziou o espaço da contemplação, deslocando o olhar humano para um regime de permanente ocupação

(PIEPER, 1952). A sucessão ininterrupta de consumos, metas e conquistas encobre o valor das experiências aparentemente triviais.

O problema não reside, portanto, em uma falha individual de valorização. Ele se manifesta como uma limitação estrutural da experiência humana quando imersa em estabilidade excessiva. A acumulação contínua de bens e estímulos afasta o sujeito das experiências mínimas que efetivamente sustentam sua existência. Ao se diluírem no fluxo das exigências sociais e pessoais, essas experiências passam a ocupar posições marginais na consciência, tornando-se subestimadas ou simplesmente ignoradas.

Nesse contexto, o simples não perde seu valor; perde sua visibilidade. A estabilização prolongada da normalidade desloca do campo perceptivo aquilo que é silencioso, discreto, repetitivo e quase imperceptível. A crise que daí emerge não diz respeito à ausência de sentido ou de valor no simples, mas à dificuldade de reconhecê-lo como o fundamento a partir do qual tudo o que é considerado significativo se organiza.

3. O SOFRIMENTO COMO SUSPENSÃO DA NORMALIDADE E REEMERGÊNCIA DO REAL

A literatura filosófica dedicada às experiências-limite descreve acontecimentos que interrompem a vida ordinária e suspendem a lógica que a organizava. Romano Guardini, ao tratar da fratura do habitual, identifica momentos em que a existência se vê privada de seus automatismos, como se as camadas de previsibilidade que estruturavam a experiência fossem subitamente removidas. O sofrimento aparece, nesse registro, como quebra da atitude natural no sentido fenomenológico do termo: um evento que desarranja o pano de fundo perceptivo no qual o mundo se sustentava sem questionamento.

Emil Fackenheim, escrevendo a partir da catástrofe histórica do século XX, descreve tais eventos como interrupções radicais da continuidade histórica da pessoa. Sua formulação enfatiza o caráter abrupto da ruptura, marcada pela abertura de uma lacuna no fluxo da experiência. A continuidade interpretativa anterior deixa de operar. A pessoa permanece viva e passa a situar-se no mundo de outra forma. A diferença instaurada decorre da alteração do modo como a realidade se apresenta.

Essa chave permite compreender o sofrimento como suspensão do automatismo perceptivo. O habitual, o repetitivo e o previsível — a engrenagem discreta que organizava o campo de sentido — é desativado. Distrações se dissolvem. Expectativas perdem consistência. Horizontes artificiais se contraem. O olhar humano passa a orientar-se pelo que até então não possuía relevo.

A consequência dessa suspensão é uma reexposição ao real. Não ao real mediado por construções simbólicas complexas, e sim ao real mínimo que sustenta a vida: calor, alimento, abrigo, ritmo, presença. Sobreviventes de situações extremas relatam, ao retornarem à normalidade, uma sensibilidade quase

microscópica diante de elementos antes considerados insignificantes. O calor de um banho assume caráter restaurador. O pão adquirido passa a significar permanência. O silêncio seguro de uma noite protegida ganha o peso de uma promessa de continuidade.

Trata-se de uma alteração que se impõe no nível ontológico da experiência. Aquilo que parecia pequeno adquire densidade porque o sujeito, despojado de camadas interpretativas acumuladas, reencontra uma forma mais originária de estar no mundo. Viktor Frankl descreveu esse movimento como reorientação do sentido, entendida como deslocamento profundo na estrutura avaliativa que orienta a consciência. O sofrimento reorganiza o sistema de referência no qual o sentido se torna possível.

A ruptura atua sobre a relação do sujeito com o real. As opacidades acumuladas ao longo do tempo são removidas, e aquilo que sempre sustentou a experiência passa a apresentar-se com clareza. A volta ao cotidiano, para quem atravessou experiências-limite, é marcada por uma evidência desconcertante. O que antes não se via assume estatuto de fundamento. O que ocupava posição acessória revela seu peso estrutural. O que era dado por garantido torna-se digno de apreço, porque agora se sabe, de maneira visceral, que poderia não estar ali.

Essa suspensão da normalidade — esse desmonte do hábito — permite a reemergência do real em sua forma mais simples e necessária. Para alguns, essa experiência redefine de modo duradouro a maneira de habitar o mundo.

4. O SIMPLES COMO NÚCLEO ONTOLÓGICO REVELADO NO LIMITE

A reflexão de Gabriel Marcel sobre a distinção entre “ter” e “ser” oferece uma chave decisiva para compreender o estatuto ontológico do simples em situações de limite. Quando a existência se organiza sob a lógica do “ter”, o horizonte perceptivo passa a ser absorvido por objetos, metas externas e estruturas de posse. Esse regime existencial, amplamente naturalizado na modernidade, desloca progressivamente a atenção para aquilo que pode ser acumulado, mensurado ou retido. As experiências simples permanecem à margem, não por insuficiência, mas porque não se apresentam como posse. Elas acontecem.

O sofrimento radical dismantela esse regime ao introduzir uma experiência de despojamento. Com a desagregação das camadas de segurança material, psicológica e simbólica, o sujeito deixa de operar no registro do “ter”. A dinâmica da perda interrompe a continuidade do modo anterior de existir e expõe outra forma de relação com o real. O “ser”, até então recoberto pela maquinaria do hábito, volta a estruturar a experiência. Esse movimento não constitui conquista moral; trata-se da reativação de uma disposição originária.

Edith Stein descreve esse processo ao analisar a constituição fundamental da pessoa. Tal análise remete a um modo de contato com o real que antecede as mediações acumuladas ao longo da vida. A percepção passa a operar em um nível elementar, marcado por proximidade e presença. Expectativas, objetos e demandas perdem força gravitacional. A consciência se desocupa, permitindo que o real se imponha com maior nitidez.

É nesse contexto que o simples se torna evidente. Sua densidade não decorre de acréscimo de valor, mas da reorganização do campo perceptivo do sujeito. Liberto das distrações produzidas pela estabilidade prolongada, o olhar reencontra capacidade de registrar o essencial. Josef Pieper observou que a modernidade esvaziou a contemplação ao submeter a vida à exigência permanente de produtividade. A suspensão dessa lógica, comum às experiências-limite, devolve ao sujeito um regime de atenção no qual o discreto, o repetitivo e o silencioso recuperam presença.

O simples emerge, então, como núcleo ontológico por sua capacidade de permanecer quando as estruturas complexas colapsam. Ele constitui a infraestrutura silenciosa da existência: alimento, repouso, calor, presença, silêncio, tempo. Esses elementos não dependem de elaboração simbólica sofisticada para sustentar a vida. Eles a tornam possível.

A suposição de que o simples seja pequeno decorre de um equívoco perceptivo. O simples sustenta aquilo que recebe o nome de grande. O extraordinário se organiza como extensão; o simples se impõe como fundação. O limite torna isso visível ao remover as camadas que encobriam o fundamento.

A tese pode, assim, ser formulada com precisão: o essencial nunca foi modesto; limitada era a nossa forma de vê-lo. O sofrimento não engrandece o simples. Ele restitui sua visibilidade ontológica.

5. QUANTO SOFRIMENTO É NECESSÁRIO? RESSIGNIFICAÇÃO E REDEFINIÇÃO DO PROBLEMA

A pergunta “quanto sofrimento é necessário?” não se orienta, neste estudo, por um critério de mensuração aritmética da dor. Ela aponta para um problema mais profundo: em que medida o sofrimento, quando persistente ou reiterado, impõe ao sujeito a necessidade de reinterpretar a própria experiência. A quantidade importa não como volume acumulado, mas como duração e insistência capazes de sustentar um deslocamento progressivo do sentido. O sofrimento atua no tempo, e é nessa temporalidade que sua potência transformadora se manifesta.

A transformação não emerge de qualquer dor isolada. Ela se produz quando o sofrimento se prolonga ou se repete a ponto de tornar insuficientes as interpretações anteriores da realidade. Enquanto a experiência dolorosa permanece integrável às categorias habituais, o sujeito ajusta o olhar, reorganiza expectativas e

preserva a coerência do mundo vivido. Com a persistência do sofrimento, essa coerência deixa de se sustentar. O que se impõe é a exigência de resignificação.

É nesse movimento que a filosofia do limite encontra seu núcleo. O sofrimento opera como processo hermenêutico, exigindo que o sujeito reordene o significado daquilo que vive. A transformação ocorre porque o mesmo mundo já não pode ser compreendido da mesma maneira. O sentido anterior perde sua capacidade explicativa, e um novo arranjo interpretativo começa a se formar.

Hannah Arendt, ao analisar situações em que a continuidade do mundo se desfaz, descreveu experiências nas quais o tecido da realidade deixa de oferecer referências estáveis para a ação e para o pensamento (1958). O que se dissolve, nesses casos, é o conjunto de significados que tornava o mundo inteligível. Em contextos existenciais de sofrimento persistente, esse mesmo colapso de inteligibilidade passa a ser vivido no interior da experiência pessoal. O sujeito passa a ver porque já não consegue sustentar as interpretações que antes organizavam sua relação com o mundo. A clareza emerge como efeito de deslocamento interpretativo.

A questão central passa, então, a ser formulada nos seguintes termos: quanto sofrimento é necessário para que o sujeito já não consiga atribuir o mesmo sentido àquilo que vive?

A literatura converge ao indicar que a consciência humana opera, em grande parte, por continuidade interpretativa. A vida protegida permite que choques sejam absorvidos sem alteração profunda do sentido. O sofrimento prolongado, ao incidir no tempo, compromete essa continuidade. Ele força o sistema interpretativo a se reorganizar. O olhar se transforma porque o significado anterior deixa de responder à experiência vivida.

Essa reorganização possui caráter ontológico. Sobreviventes de experiências-limite relatam que a revalorização do simples emerge como consequência de uma nova compreensão do real, não como reação emocional ou gesto voluntário. O simples reaparece porque passa a significar outra coisa. Aquilo que antes era marginal torna-se central, porque o sujeito passou a habitar o mundo a partir de outro eixo de sentido.

Do ponto de vista antropológico, pode-se afirmar que a transformação exige um percurso de resignificação sustentado no tempo. Há sofrimentos que permanecem integráveis às narrativas anteriores da vida. Há sofrimentos que, por sua duração ou recorrência, exigem a elaboração de uma nova narrativa. A quantidade importa enquanto condição de possibilidade desse processo interpretativo.

A pergunta adequada, portanto, não abandona a questão do “quanto”. Ela a desloca para o campo do sentido: em que momento o sofrimento torna impossível continuar compreendendo o mundo segundo os mesmos esquemas interpretativos?

As evidências filosóficas e existenciais examinadas ao longo deste estudo indicam que esse momento coincide com a necessidade de ressignificação. Quando isso ocorre, o simples — sustento silencioso da vida — reassume sua função estruturante. O sofrimento extremo figura, historicamente, como uma das experiências em que esse deslocamento de sentido se manifesta de forma recorrente por exigir uma nova forma de compreender o real.

6. CONCLUSÃO: O SIMPLES COMO LUGAR DA VERDADE

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permite reconhecer que o essencial possui um modo próprio de presença. Ele atua de forma discreta, contínua e silenciosa. Sua força é estrutural: sustenta a existência independentemente de reconhecimento ou visibilidade. O essencial permanece.

A experiência cotidiana tende a recobrir essa presença. A repetição, a regularidade e a estabilidade prolongada configuram um regime perceptivo no qual os fundamentos da vida continuam operando fora do campo da atenção. A continuidade do cotidiano desloca o olhar para a superfície dos acontecimentos, enquanto aquilo que sustenta a experiência permanece em segundo plano.

A experiência do sofrimento introduz uma inflexão nesse regime. A suspensão dos automatismos reorganiza a relação do sujeito com o real. A percepção se reconfigura. O mundo reaparece em sua forma elementar. Aquilo que sustentava a vida sem ser notado passa a organizar a experiência de modo direto.

É nesse horizonte que o testemunho de Andor Stern adquire densidade filosófica. Seus relatos expressam uma reaproximação do real em seu nível mais básico. O pão, o lençol, o abrigo e o silêncio reassumem sua função estruturante. O valor dessas experiências permanece o mesmo; a forma de habitá-las se transforma. O contato com o real recupera sua espessura originária.

O simples revela, assim, sua condição ontológica. Ele constitui o eixo da existência. Torna a vida possível. Quando as camadas externas se retraem, permanecem os elementos que sustentam a continuidade do viver: alimento, repouso, calor, presença, tempo, uma companhia.

A hierarquia da existência torna-se então evidente. O simples precede toda grandiosidade e continua operando quando ela se desfaz. Sua importância decorre da função que exerce, não da forma que assume. O simples sustenta aquilo que pode ser vivido.

O sofrimento atua como operador de restituição. Ele reabre o acesso ao que sempre sustentou a vida. Com a retração do excesso, os pilares silenciosos da existência reaparecem. Pequenos na forma, decisivos na função, eles configuram o lugar onde a verdade da experiência humana se deixa reconhecer.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. The human condition. Chicago: University of Chicago Press, 1958.

FACKENHEIM, Emil. Encounters between Judaism and modern philosophy. New York: Basic Books, 1968.

FRANKL, Viktor E. Man's search for meaning. Boston: Beacon Press, 1959.

GUARDINI, Romano. The end of the modern world. Chicago: Henry Regnery Company, 1956.

MARCEL, Gabriel. The mystery of being. Vol. I: Reflection and mystery. South Bend: St. Augustine's Press, 1950.

MARCEL, Gabriel. The mystery of being. Vol. II: Faith and reality. South Bend: St. Augustine's Press, 1951.

PIEPER, Josef. Leisure: the basis of culture. London: Faber & Faber, 1952.

STEIN, Edith. Finite and eternal being: an attempt at an ascent to the meaning of being. Washington, DC: ICS Publications, 2002.

STERN, Andor. Andor Stern: brasileiro que sobreviveu ao Holocausto descreve horrores de Auschwitz.

BBC News Brasil, 23 jan. 2020. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q0ULzaJtuec>. Acesso em: 10 dez. 2025.